

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UM OLHAR DOS ESTAGIÁRIOS SOBRE ASPECTOS RELEVANTES NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOCENTE

Elisa Gomes Magalhães – (Secretaria Municipal de Educação de Rancharia-SP);
Maévi Anabel Nono – (UNESP Campus de São José do Rio Preto)

EIXO TEMÁTICO: Formação Inicial e Continuada de Professores para a Educação Básica.

Introdução

A configuração desse artigo procede de reflexões acerca da formação inicial de professores, especificamente sobre o Estágio Curricular Supervisionado (ECS), um componente de grande importância na grade curricular dos cursos de Licenciatura em Pedagogia. Deste modo, esse estudo apresenta dados oriundos da pesquisa de mestrado em andamento intitulada “Estágio Supervisionado e Aprendizagens da Docência”. Nesse estudo, busca-se analisar e averiguar a construção dos processos de aprendizagem da docência que são provenientes das reflexões geradas no decorrer de uma disciplina de estágio supervisionado da grade curricular do curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Dessa maneira, apresenta-se neste artigo um dos focos de análise da pesquisa, com relação às reflexões realizadas pelos futuros professores acerca dos aspectos relevantes na formação do profissional docente obtidos por meio de entrevistas com 7 sujeitos e futuros professores.

Ao analisar os processos de formação inicial de professores, é possível averiguar algumas contradições entre o que é “ser professor” e o que é ser professor atualmente e como tais concepções se perpetuam ainda hoje nos discursos dos próprios cursos de formação. Marcelo (1998) constatou em suas pesquisas que os futuros professores já chegam aos cursos de formação carregados de crenças sobre o processo de ensino, formas de execução, concepção de conteúdos, relações em sala de aula, enfim, sobre as ações educativas desenvolvidas no âmbito escolar. Averiguou também que tais concepções não se modificam no decorrer dos cursos e que muitas vezes nem são discutidas no contexto dessa formação básica.

Por fim, considerando toda essa discussão realizada sobre a formação de inicial de professores e o curso de Pedagogia, sobre as crenças e as expectativas dos futuros professores, encontramos no Estágio Curricular Supervisionado um espaço privilegiado para descrever e analisar um viés dos processos de aprender a ensinar por meio das considerações de futuros professores.

Contudo, é preciso refletir de que maneira as contradições e contra-sensos existentes quanto ao ser professor e o que é ser professor atualmente chegam até os cursos de formação inicial, isso porque a constituição da identidade docente também está atrelada ao modo como o futuro professor consolida os processos de aprender a ensinar, e o estágio é um fator muito importante nesse momento. Tendo em vista realizar uma breve discussão sobre as aprendizagens decorrentes da experiência do estágio curricular vivenciada pelos futuros professores, assim como suas aprendizagens decorrentes do curso de Pedagogia buscamos também refletir sobre a formação inicial e a aprendizagem da docência no contexto atual.

Possibilidades e reflexões da problemática anunciada

A discussão realizada nesse artigo procura destacar os aspectos relevantes na formação docente evidenciados nas narrações (entrevistas) dos futuros professores a partir das experiências vivenciadas no ECS. Formação profissional, de acordo com o Imbernón (2006), é um processo intimamente ligado com a prática e a experiência com o coletivo de professores. Nesse sentido, a formação de conhecimentos profissionais inerentes à profissão docente se forma na relação com a teoria e a prática e quanto à competência profissional, o autor nos apresenta que ela “[...] será formada em última instância na interação que se estabelece entre os próprios professores, interagindo na prática de sua profissão” (IMBERNÓN, 2006, p. 32). No caso dos futuros professores, o estágio atua como um momento de iniciação na profissão, por isso, a aprendizagem de aspectos relevantes em sua formação profissional podem ser aprendidos por meio da relação com os professores experientes e outros professores em formação.

Partindo de uma das experiências mais mencionadas pelos participantes, busco destacar a relação estabelecida por eles, confrontando com os processos relevantes da formação profissional docente. Nesse sentido, discutirei primeiramente a questão dos processos de aprender a ministrar e preparar aula num contexto específico.

Os futuros professores relatam suas experiências:

[...] ministrar aulas é relativo, eu aprendi naquele momento ali pra eles, talvez eu tenha aprendido ministrar aulas para aquela turma. Mas agora... Ah essa é coisa mais absurda de se dizer... É um aprendizado constante... É uma formação contínua do professor... Usa o chavão que dá mais certo. Você aprende e cada situação, no geral deu pra ter uma noção boa na prática. A prática colocou realmente em xeque ali, ou vai ou racha! Às vezes eles

começavam a perguntar e eu estabelecendo fórmulas, comecei a conhecer minha capacidade de improviso, meu... Minha vontade, meu tudo! Então, assim, pra autoconhecimento foi bom! Deu pra aprender boa parte sim, mas como eu falei vai viver aprendendo. (E 5 – Questão 5)

[...] na hora que eu encontrar outra realidade de aluno, outra sala, vai ser outra aprendizagem, como é que eu vou ministrar pra essa sala, pra essa realidade, pra esses alunos, pra essa escola. [...] Eu acho assim, que aprender definitivamente, falar assim: Agora eu vou dar aula de tudo! Pode vir aqui que eu preparo uma aula bem fácil! Não! Tive a noção do que é sentar pra planejar uma aula, dar uma aula, mas ter a confiança de falar eu sei preparar uma aula, qualquer aula, não. Posso até preparar uma aula de Português, Matemática, Geografia, História, ali pro primeiro ano que foi o contato que eu tive, mas se o ano que vem eu pegar o terceiro ano, eu vou ter que aprender como é que se faz uma aula pra terceiro ano. A realidade daquele terceiro ano, a realidade daquela escola. (E 6 – Questão 5)

Os excertos das entrevistas dos futuros professores proporcionam um momento de reflexão acerca das práticas desenvolvidas no contexto dos estágios supervisionados. O momento da regência é encarado pelos docentes em formação como uma ocasião para serem provados enquanto professores, ou seja, trata-se de um tempo muito relevante na concepção deles em que todo o conhecimento adquirido se converge para a aplicação de algumas regências sob os cuidados destes futuros docentes.

Oliveira (2000) relata que o estudo realizado com futuras professoras levou a compreender que o domínio de conteúdos e a relação com a indisciplina na sala de aula se posicionam de modo a ruir com os sonhos e expectativas dos professorandos, considerando o caráter esporádico das regências.

O que os futuros professores aprendem sobre a formação profissional é que, como mencionaram alguns participantes, ser professor é um processo que não ocorre de um dia para outro, mas que a cada dia uma nova etapa é conquistada. Eles tiveram apenas uma noção, algumas pistas de como preparar e como ministrar aulas, mas com o exercício cotidiano da profissão perceberão o que precisam avançar. Ocorre, portanto, que a ausência de práticas sólidas durante o curso de formação básica dificulta a inserção dos professores iniciantes. Assim sendo, Oliveira (2000, p. 52-53) também discute que

Na prática de formação ocorre um salto enorme na transformação do aluno e da aluna em docente. Verificamos que, dois meses após o final do curso, ao assumir uma classe, a professora e o professor iniciantes têm de responder por atividades que, durante o curso de formação, não foram exercitadas, como planejar, executar e avaliar em situações reais de ensino-aprendizagem.

Imbernón (2006) argumenta que a formação de professores precisa ser “viva” e promotora da mudança e da inovação. Dessa maneira, conhecer formas de tratar os conteúdos é muito importante assim como as formas de lidar com as crianças e suas necessidades, pois, os futuros professores precisam encarar as mudanças sociais e de contexto pelos quais a sociedade está constantemente atravessando. Toda essa discussão faz parte de um processo contínuo de formação profissional dos professores. Segundo o autor, “[...] as práticas devem servir de estímulo às propostas teórico-práticas formais, de maneira a permitir que os alunos interpretem, reinterpretem e sistematizem sua experiência passada e presente [...]” (IMBERNÓN, 2006, p. 64) Nesse sentido, é preciso refletir, ainda durante os cursos de formação básica, sobre a análise de aspectos reais da realidade de sala de aula, visto que por essa via os futuros professores poderão, além de obter algumas noções da profissão, analisar criticamente a realidade e as mudanças dos contextos educacionais, assim como a questão dos conteúdos e sua transposição.

As aprendizagens adquiridas na relação com profissionais experientes também foi um aspecto relevante levantado pelos participantes, tanto na questão da relação do professor com o conhecimento, com a sala de aula e principalmente com cada aluno em especial. Alguns dos participantes relatam que

Eu tive a felicidade de ter uma professora que me deu chance de trabalhar em todas as áreas, algumas vezes com o apoio dela, algumas vezes ela me pedia pra eu ensinar um conteúdo, algumas vezes trabalhava com alunos em específico. Então essa multiplicidade de coisas que eu fiz no meu estágio me favorecia muito para que eu me sentisse pronto. É claro que não é diferente você ser o professor, e principalmente falta tato de como conquistar a questão da autoridade que eu comentei com você, mas a respeito dos conteúdos eu acho que foram suficientes. (E7 – Questão 5)

E eu pegava o jeito que ela fazia pra tentar fazer parecido, e na escola a sala da A. é considerada uma das mais calmas, porque a A. é calma. Não que os alunos dela sejam um monte de anjinhos sentados na cadeira, mas a A. sabe levar bem. Eu achei que o

melhor exemplo para se trabalhar com eles era o jeito dela! Já que estava funcionando não tinha porque mudar! Falar alto jamais! Eu escutei a A. gritando com eles umas três vezes, e olha que eles fazem barulho! Mas era assim, não levanta a voz, chama pelo nome e não gritava. Acho que esse foi o exemplo mesmo. (E2 – Questão 7)

Eu peguei muita coisa de que uma palavra que a gente fala pode ser pra formação da criança até o fim, sempre. Muitas vezes eu via uma coisa muita errada acontecendo, mas como eu não sabia como eu devia falar ao certo eu me calava. Eu acho que pegar toda teoria e refletir sobre aquilo mesmo, ver tudo o que acontecia dentro de uma sala de aula que às vezes a gente falava “até parece, eu vou chegar lá e vou falar tudo o que eu vier na cabeça”, mas eu me segurei muito. [...] Eu acho que a aprendizagem maior foi essa, conseguir pegar as coisas que aprendi pra adaptar pra cada um, adaptar a realidade mesmo! (E2 – Questão 4)

Analisando as declarações trazidas pelos futuros professores, nossas reflexões nos conduzem a questionar, primeiramente, o papel dos professores responsáveis pelas salas de aula, enquanto profissionais experientes e responsáveis pela condução dos estagiários naquele contexto. De acordo com Pimenta e Lima (2008, p. 115), além da grande importância do papel do professor de estágio, pode-se também considerar “[...] a importância da participação dos professores das escolas que recebem os estagiários nesse processo formativo, no qual esses assumem também a função de ‘supervisores’ (ou orientadores) do estágio.” Em muitos casos, os alunos são levados a pensar que apenas se deve observar as práticas realizadas pelos docentes em exercício, contudo, compreender o porquê dos modos de agir desses professores se mostra um aspecto muito pertinente para a aprendizagem da docência dos futuros professores. Nesse sentido,

O estagiário muitas vezes entende que sua atividade na escola tem por finalidade colher dados para denunciar as falhas e insuficiências desta. [...] Desta forma, o período de estágio, ainda que transitório, é um exercício de participação, de conquista e de negociação do lugar de estagiário na escola. (PIMENTA; LIMA, 2008, p. 116)

Os professores das escolas poderão servir de modelos positivos ou negativos, dependendo da experiência de cada estagiário em cada sala de aula distinta. Nesse

estudo, é possível perceber que os participantes apontam as duas referências, positivas quando se referem às aprendizagens que lhe servirão de base de como agir e de como fazer, nos momentos em que se vislumbram a questão da autoridade de alguns professores, como lidam com a sala de aula. Em contrapartida, há modelos de referência negativa, em que os participantes apontam as aprendizagens do que não irão fazer, de como não pretendem tratar os alunos e, por meio disso, analisam como poderão agir contrários a essas posturas verificadas. Assim, considerar essa relação relevante para a formação profissional docente dos estagiários se torna um item pelo qual os responsáveis pelos ECS precisam se articular e tratar melhor o assunto, de forma a contribuir cada vez mais para aprendizagens sólidas desses novos profissionais. Pois, corroborando com Pimenta e Lima (2008, p. 117) compreendo que

O estágio para os alunos que estão em fase de formação inicial e que ainda não exercem o magistério é antes de tudo um estágio de boas-vindas de novos companheiros de profissão. Estes alunos é que ocuparão os lugares dos professores de hoje e continuarão o trabalho que iniciamos.

No que se refere à discussão sobre métodos de ensino mais ou menos adequados, os futuros professores lançam mão de suas reflexões sobre a existência de tais metodologias e as relações que eles puderam estabelecer durante o estágio. Dessa forma, ao serem questionados se acreditavam na existência de um método perfeito, os futuros professores narram suas experiências:

Eu quis, eu entrei assim na faculdade e eu comentava com as meninas e sempre o primeiro ano aquela ilusão que é tudo lindo, mas a gente procurava acho que uma receita. Então, você vai entrar na sala, vai fazer isso e isso. Plano de aula você vai fazer ainda mais detalhado do que a gente aprende aqui na faculdade, você vai aplicar isso pra sala tal, pro tipo de aluno tal. Então eu quis uma receita mágica pra aplicar em tudo e dar tudo certo. Só que não existe, eu já acreditei que existisse. (E 4 – Questão 5)

E: O que você poderia me dizer sobre a existência de um método de ensino perfeito? Em algum momento você acreditou que ele pudesse existir?

E3: Não porque não existe um tipo de aluno. Se existisse um aluno, existiria um método perfeito.

E: E depois do estágio essa ideia mudou?

E3: Quando eu dei minhas regências, cada uma eu apliquei de uma forma e cada uma eu peguei um tipo de aluno pra observar, pra ser mais atento. Cada regência foi pra mim uma aprendizagem porque eu observava que determinados alunos interagem e outros não. Eu fui tentando ver e observei que cada aluno aprende uma coisa. (E 3 – Questão 5)

A respeito da questão da aprendizagem sobre o uso de teorias em sala de aula, E5 destaca que

Parece que tudo começou a encaixar quando eu fui pra sala de aula, todas aquelas coisas que ficava repetindo e falando, todas as disciplinas que coincidem os conteúdos de psicologia, das escolas. Então foi tudo meio que encaixando, caminhando pro mesmo rumo entendeu? E lá tipo, eu não cheguei lá e falei: Ah, sou construtivista e vou dar aula construtivista. Eu peguei o que eu achava bom do construtivismo e o que eu formulei com o tempo na minha mente, o que eu achava legal de ensinar. Peguei, sei lá, talvez alguma coisa do marxismo, da questão do homem em prol do coletivo, essa imagem socialista, digamos assim. E eu peguei tudo que eu achava que era legal e fui juntando pra fazer o que seria eu na sala de aula. O que seria eu, a [...] professora. (E 5 – Questão 8)

Considerações finais

Na tentativa de concluir as análises sobre os aspectos relevantes na formação profissional docente, aprendidos durante o Estágio Curricular Supervisionado, o foco em questão é a aprendizagem sobre os processos de ensinar. A partir das declarações dos futuros professores, é possível observar suas reflexões sobre as aprendizagens profissionais adquiridas na relação com professores experientes. No que tange a questão do ensino, os futuros professores revelam que

Eu acho que ensinar é conseguir fazer com que as crianças aprendam o que eu estou passando, não é nada além disso! Tem todo um contexto em volta disso, mas não é você chegar e passar uma coisa linda, fazer uma aula maravilhosa, isso não é ensinar! Ensinar é quando as crianças conseguem pegar naquela aula linda e maravilhosa o que você está tentando passar! [...] Assim eu estava ensinando, agora quando eu passei alguma coisa na lousa que eles ficaram com uma interrogação na cabeça, eu não ensinei! Isso pra mim não é ensinar! Ensinar é quando as crianças

conseguem entender o que passo, interagem comigo durante a aula de um jeito que elas cresçam... (E 2 – Questão 10)

Eu acho que a palavra ensinar é muito ampla, mas assim pra mim eu vejo que é... não sei... é você trazer coisas novas que tragam sentido pra vida do aluno, que possam completar ele tanto pessoalmente quanto no cotidiano dele, como na intelectualidade dele. Eu acho que é levar em consideração o que ele te diz, é você apresentar de diferentes formas aquele conteúdo, se ele não entender de uma maneira você apresentar de outra maneira. Eu acho que é você aumentar a bagagem cultural da pessoa. Eu acho que é isso que é ensinar, é você propiciar momentos de conhecimentos que durem pra vida inteira, que ele vai poder usar aquilo em várias fases da vida dele seja na escola, seja no bairro dele, seja no trabalho dele, nas brincadeiras dele, poder usar em todos os momentos da vida. (E 4 – Questão 10)

Ensinar, eu acho que é você falar alguma coisa que a outra pessoa não conhece, ou você acredita que ela não conheça daquela forma. Ou ela não conhece, ou ela não conhece daquela forma a partir daquele ângulo que você vai explicar, que você vai falar. E fazer com que ela entenda, a grosso modo. Você ensinar pra mim é isso. Não é só você chegar lá e ensinar, ensinar e falar blá blá blá, matemática, português, gramática e não ser entendido. Isso pra mim não é ensinar. Quando não há essa troca, essa compreensão, esse envolvimento que você faz pra que a pessoa te compreenda, isso pra mim é o ensinar. É você falar uma coisa e usar dos seus artifícios como falante do seu discurso e com os objetos que você tiver em mãos também, os gestos, os objetos e você se fazer entender, fazer com que a pessoa entenda o que você ta explicando. É essa a questão, é esse diálogo, essa troca. É você falar, você transmitir algo que você quer fazer entender e fazer com que a pessoa entenda. Eu vejo mais ou menos isso. (E 5 – Questão 10)

Esses depoimentos nos permitem refletir sobre as concepções empregadas pelos futuros professores para definir as aprendizagens sobre os processos de ensinar. Corroborando com a pesquisa de Bélair (2001, p. 63), podemos verificar uma tendência a conceber o ensino nas salas de aula “[...] a partir do contato e da relação entre o professor e seus alunos, em que se percebe a passagem de uma concepção mais transmissiva do professor para uma abertura à participação do aprendiz em seu aprendizado”.

As falas dos participantes retratam o discurso de quem ainda está sendo inserido na profissão, ou seja, os futuros professores ainda estão sendo instrumentalizados para formarem seu arsenal de conhecimentos, habilidades e atitudes que os levarão a ser efetivamente professores. Por isso, torna-se cada vez mais clara a necessidade dos

cursos de formação inicial oferecerem aos seus alunos-estagiários situações vividas (reais ou fictícias) e as teorias que tentem explicá-las por meio de generalizações de processos. Neste sentido, Bélair (2001, p. 64) destaca ainda

[...] a importância de prever estratégias de formação inicial transferíveis a situações concretas de sala de aula. Resta que o fato de viver uma situação, de comentá-la, de analisar seus efeitos positivos ou perversos permite a cada um compreender melhor sua importância para os alunos em sala de aula.

A questão do ensino está também relacionada à melhor forma de ensinar os conteúdos. Desta forma, a também denominada transposição didática precisa ser ensinada, ser praticada e refletida a partir de situações reais nos contextos de formação, visto que, o que muito se tem percebido é a disseminação de modos de pensar sobre tais ações distintos da realidade observada pelos alunos dos cursos de formação de professores. De acordo com Perrenoud et al. (2001, p. 223),

Formar para um ofício, visar ao desenvolvimento de competências profissionais é, sem dúvida, muito diferente de uma conduta clássica de transmissão de saberes disciplinares. Não basta ensinar “saberes profissionais”, esperando que os professores e os futuros professores os apliquem. Transpor através de práticas e de competências profissionais não é tão “simples” quanto transformar saberes eruditos para torná-los acessíveis. Certamente, todo professor tem uma parte de responsabilidade e de poder na transposição didática, mas os formadores de professores têm uma latitude muito mais ampla de interpretação, de conceitualização de práticas de referência e de competências que elas mobilizam. Sendo assim, a elaboração de mecanismos de formação está fundada, em grande medida, em crenças e idiosincrasias, assim como em familiaridades presumidas com o ofício, mais do que uma análise precisa e partilhada da realidade do ofício de professores e recursos cognitivos que ele utiliza. Há um terreno maior a ampliar.

A formação inicial docente precisa viabilizar o aprendizado de práticas, teorias e condições de trabalho dos professores, visto que, toda sua base está centrada na educação básica e torna-se uma preocupação, durante os cursos, promover o aprendizado de práticas diferenciadas que possibilitem a reflexão, a interdisciplinaridade, a integração dos conteúdos, melhorando assim o ensino dos alunos. Ocorre por sua vez, a necessidade de iniciar a prática de tais processos que são almejados e idealizados no

próprio curso de formação inicial, quando ainda o futuro professor precisa conceber a importância de tais atitudes, mas que muitas vezes não encontra.

Por fim, é possível perceber que durante o período de estágio, verbalizar, escrever ou narrar suas experiências reais é uma forma muito importante na configuração de conhecimentos específicos da docência contribuindo diretamente na formação profissional dos futuros professores. Além disso, a relação com o cotidiano dos professores lhes confere também grandes aprendizagens.

Referências bibliográficas

BÉLAIR, L. A formação para a complexidade do ofício do professor. In: PAQUAY, L. et al. (Orgs) **Formando professores profissionais**: Quais estratégias? Quais competências? Tradução: Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001. P.55-66.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2006, 119p.

MARCELO, C. Pesquisa sobre a formação de professores: o conhecimento sobre aprender a ensinar. **Revista Brasileira de Educação**, n. 9, p. 51-75, 1998.

PERRENOUD, P. et al. Fecundas incertezas ou como formar professores antes de ter todas as respostas. In: PAQUAY, L. et al. (Org.). **Formando professores profissionais**: Quais estratégias? Quais competências? Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001. P. 211-223.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2008, 296p.

OLIVEIRA, R. M. M. A. Quem quer ser professora? A visão das alunas dos cursos de formação de professores sobre a profissão docente. In: ABRAMOWICZ, A.; MELLO, R. R. (Org.). **Educação**: pesquisas e práticas. Campinas, SP: Papirus, 2000, p. 33 -56.